

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
INVESTIGAÇÃO, PRÁTICAS E CONTEXTOS EM EDUCAÇÃO
(IPCE, 4 e 5 de maio de 2018)**

Seleções de leituras extensivas em português feitas por estudantes asiáticos

Cristina Nobre, ESECS-IPL, CICSnova-IPL
cnobre@ipleiria.pt

EIXO TEMÁTICO:

Experiências de Ensino e Aprendizagens no ensino superior multicultural

RESUMO:

Quais os livros selecionados pelos estudantes chineses da UC de Leitura Extensiva em Português I, da licenciatura em TIPC-CP, quando as suas competências linguísticas se aproximam do nível A2 de proficiência?

Síntese sobre a importância de elementos intertextuais e iconográficos nos contextos multiculturais da educação literária e abertura para uma estética da multidisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE:

multiculturalidade, leitura extensiva, seleção de livros na educação

ABSTRACT:

Which books were selected by Chinese students of the curricular unit Leitura Extensiva em Português I, from the TIPC-CP course, when their linguistic competences were approaching level A2?

Summary of the importance of intertextual and iconographic elements in multicultural contexts of literary education and openness to an aesthetics of multidisciplinary.

KEYWORDS:

multiculturality, extensive reading, selection of books in education

TEXTO:

Seleções de leituras extensivas em português feitas por estudantes asiáticos

1. Confronto / partilha de Culturas

Sempre que se pede aos estudantes chineses do 2.º ano da licenciatura em Tradução e Interpretação Português-Chinês / Chinês-Português [TIPC-CP] que selecionem para leitura integral e extensiva uma de entre as múltiplas obras referenciadas pelo português Plano Nacional de Leitura, o nível de proficiência linguística que dominam e no qual são competentes, o A2 (segundo o QUERC - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas), deixa-os desconfortáveis com a profusão de um cânone que não é o deles.

Procuramos saltar essa barreira através da redução confortável para uma dezena de títulos, propositadamente sem nos preocuparmos com a sua maior ou menor adequação pré-concebida a este público potencial, uma vez que o nosso objetivo é qualitativo e não quantitativo. O que estávamos a trabalhar eram as escolhas deles e os pré-conceitos que as orientavam. Eventualmente talvez pudéssemos chegar ao confronto ou partilha cultural como o conceito-chave a ser recuperado, relativamente a questões como a da leitura extensiva em português por estudantes de uma cultura tão diferente da portuguesa e de L2 com capacidades medianas de expressão linguística. Tendo em consideração que o trabalho dos estudantes foi feito em grupo, e que as escolhas eram negociadas entre os vários elementos sem nenhuma intervenção do professor, verifique-se como é possível incluí-las em categorias específicas de leitura, sem as quais não concebemos nem no Ocidente nem no Oriente a educação literária.

2. A força do cânone

A atração dos dois maiores nomes clássicos do cânone literário português – Luís de Camões e Eça de Queirós – fez-se sentir de uma forma algo inusitada, já que obrigou os estudantes a enfrentarem as suas dificuldades com a língua de uma forma suplementar.

A adaptação de João de Barros, *Os Lusíadas de Luís de Camões contados às crianças e lembrados ao povo* (na atual reedição de 2012), foi selecionada por dois grupos, numa evidência da necessidade de dominar, através de uma estrutura narrativa mais simples, em prosa, o texto seiscentista, em verso, fundador da nossa identidade literária. Ambos os grupos seguem idêntica estrutura, com maior ou menor esquematismo: dados biobibliográficos do autor João de Barros e de Camões e divisão do conteúdo do livro em partes e subpartes. Nenhum dos grupos se serviu de elemento intertextual de comparação, o que transformou este livro no identificador cultural dos portugueses e de Portugal, por ausência de confrontos com exemplos da cultura oriental. Com todas as probabilidades, este parece ser um aspeto a necessitar ser testado e a merecer reorientação no futuro.

O único grupo a optar por *Os Maias* de Eça de Queirós, seguiu modelarmente a estrutura tradicional da educação literária, incluindo-se na história literária.

3. As antologias de poesia e de contos populares

Dois grupos escolheram *Primeiro Livro de Poesia, seleção de 80 poemas em língua portuguesa para a infância e adolescência* por Sophia de Mello Breyner Andresen, com ilustrações de Júlio Resende (na reedição de 2017). Foram capazes de selecionar, de entre os poemas, alguns dos países oficiais de língua portuguesa, cuja interpretação global foi exposta com facilidade por se destinarem a um público infantil e por conterem um vocabulário bem mais acessível. O conteúdo mais discutido foi o da fábula, por estar associado a uma moralidade ligada aos valores de cada cultura.

No pólo oposto, um dos grupos selecionou o complexo poema “O menino de sua mãe”, de Fernando Pessoa, procurando desmontar a sua estrutura interna e externa. As motivações de leitura deste grupo são interessantes, já que referem explicitamente a literatura dos oito países de língua oficial portuguesa e o gosto pelas “ilustrações animadas”, tendo sido notória a importância que tiveram para estabelecer pontes entre as duas culturas. A seleção de textos para a infância e a adolescência permite um encontro de todas as idades, ainda e mesmo se pertencentes a culturas habitualmente díspares.

A escolha de Alice Vieira, com *O meu primeiro álbum de Poesia* (na reedição de 2008), acabou por não se apresentar tão rica como a antologia permitiria, pois o grupo decidiu centrar-se apenas em dois dos poemas aí plasmados: “Plantar uma floresta”, de Luísa Ducla Soares e “Fundo do mar”, de Sophia Andresen. Estabeleceram muitas analogias culturais, embora a pouca maleabilidade linguística só lhes permitisse mostrar escolhas de imagens ou fotografias de paisagens capazes de cruzar o entendimento das duas culturas. Este representou o mais típico caso de como a falta de proficiência linguística, nos anos de iniciação de um falante não-nativo, se socorre da imagem como um glossário alternativo.

Fiz das pernas coração, seleção de contos tradicionais portugueses por José António Gomes, antologia de 2000, revelou-se uma escolha natural para o grupo por causa da facilidade da linguagem e da brevidade de cada texto. É o único grupo que refere a ideia de ‘divertimento’, que poderemos associar a prazer, como uma das componentes fundamentais da seleção, bem como a impressão misteriosa do grafismo de uma capa. Perante um público de falantes não-nativos, estes são fatores a não descurar, sem esquecer que podem ser utilizados abusivamente por grupos manipuladores do consumo.

4. A presença dos países lusófonos

Jorge Amado, escritor canónico brasileiro, foi um dos selecionados, com *O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor* (na reedição de 2010). Destacaram-se com uma leitura esquemática, em jeito de banda desenhada, como uma forma de chegar aos colegas, juntando texto escrito e ilustração, num todo que obteve uma boa receção por parte do público.

Três Histórias Populares (1980), do escritor angolano Henrique Lopes Guerra, é apresentado como o livro radicalmente diferente de todos os outros pela intenção social da sua escrita – contribuir para a independência de Angola, criando a noção de uma identidade específica. Também aqui a moralidade das histórias é o aspeto mais destacado, com a noção da necessidade de entreatajuda e solidariedade entre todas as personagens, quer sejam humanas ou animais a simbolizar pessoas.

A escolha de *Rãs, príncipes e feiticeiros. Oito histórias dos oito países que falam português* (2009), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada revelou-nos a motivação dos estudantes chineses com a questão de fundo do empreendedorismo à volta dos países falantes de português no mundo, embora a sua natural modéstia os tivesse levado a escolher o conto “O príncipe encantado”, o mais português dos portugueses pela linha de fantasia aí desenvolvida. De novo o grupo realça a facilidade de compreensão da linguagem, destacando o clima de fantasia antropomórfica e o maniqueísmo de que se compõem as moralidades. Colocaram a dimensão semântica do vocábulo ‘coragem’ no centro das suas motivações de leitura, o que ajudou a perceber o conto chinês (“O castelo andante”) com o qual estabeleceram uma analogia, evidenciando alguma disparidade em relação aos contornos estéticos da ilustração.

5. Reflexões em modo de conclusão

Obviamente que a questão da leitura extensiva e seus contributos no ensino e aprendizagem de uma língua segunda tem neste momento uma série de estudos sérios feitos e algumas recomendações de trabalho. O artigo de 2009, de Ana Martins, intitulado “Leitura extensiva em L2: o lugar dos textos modificados”, serviu-me de fio condutor nesta experiência semestral. Veja-se uma das ideias-chave:

A leitura extensiva é ainda uma prática que favorece o reconhecimento de diferentes tipos de estrutura textual, proporcionando, mais ou menos conscientemente, a consolidação de marcas linguísticas específicas de cada modo de organização discursiva e, a partir daqui, a criação de hábitos de antecipação de sequências textuais. Acresce que o aprendiz tem oportunidade de explorar abundantemente a redundância textual e progressivamente abandonar a tendência de procurar descodificar, de modo indiscriminado, todos os elementos do texto. (Martins, 2009)

Se estas são algumas das características fundacionais para uma leitura extensiva, sobejamente reveladas nas leituras de grupo feitas e apresentadas por estes alunos chineses, já a questão de saber se a preferência deve ser dada a um texto adaptado ou autêntico, não gerou ainda consenso na comunidade académica. Essa a razão que nos levou a deixar a escolha ser feita pelos estudantes, concluindo no fim que a tradição educativa em que se é formado acaba por condicionar muitas das escolhas feitas.

Do ponto de vista instaurado por este pequeno estudo, o texto literário para a infância, autêntico, foi o que se revelou mais adequado e mais arrojadas aprendizagens permitiu fazer. A partir de um material autêntico com níveis de vocabulário, morfológicos e sintáticos elementares e a evocar conteúdos de memórias de infância

universais ou com valores morais comuns, os estudantes alcançaram um maior desempenho de proficiência, mesmo se para tal recorrendo muitas vezes às analogias por imagens e iconográficas – talvez a diferenciação identitária essencial desta nova geração.

Atualmente, um dos consensos mais consolidado é sobre a importância de elementos intertextuais e iconográficos nos contextos multiculturais da educação literária e abertura para uma estética da multidisciplinaridade. Quanto a nós, e com a experiência deste semestre, acreditamos que isso se pode fazer – elevando o nível de proficiência linguística – com textos literários, integrais e autênticos, de literatura para a infância. A noção de completude da arte parece estar deste lado das leituras extensivas.

Referências Bibliográficas:

Bibliografia Ativa:

- AMADO, Jorge (1978; 2001; 2010). *O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor*, ilustrações a cores de Carybé, ed. Bis.
- ANDRESEN, Sophia (sel.) (2017). *Primeiro Livro de Poesia. Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência*, ilustração Júlio Resende, Porto: Porto ed.
- BARROS, João de (adp.) (2012). *Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões contados às crianças e lembrados ao povo*, ilust. André Letria, Lisboa: ed. Marcador.
- GOMES, José António (2000). *Fiz das Pernas Coração. Contos tradicionais portugueses*, ilust. Danuta Wojciechowska, Lisboa: ed. Caminho.
- GUERRA, Henrique (1980). *Três histórias populares*, capa de Alceu Saldanha Coutinho, Angola: União dos Escritores Angolanos ed.
- MAGALHÃES, Ana Maria e ALÇADA, Isabel (2009). *Rãs, príncipes e feiticeiros. Oito histórias dos oito países que falam português*, ilust. Danuta Wojciechowska, Lisboa: ed. Caminho.
- QUEIRÓS, Eça de (2017). *Os Maias*, Porto: Porto ed.
- VIEIRA, Alice (2008). *O meu primeiro álbum de Poesia*, ilust. Danuta Wojciechowska, Lisboa: ed. Dom Quixote.

Bibliografia Passiva:

- MARTINS, Ana (2009). “Leitura extensiva em L2: o lugar dos textos modificados” in *Textos seleccionados. XXIV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APEL, pp. 331-337 apud <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/22-Martins.pdf>